



SENADO FEDERAL

Uma boa notícia

Senador
PEDRO SIMON

Brasília – 2007



SENADO FEDERAL

Senador **Pedro Simon**

UMA BOA NOTÍCIA

BRASÍLIA – 2007

Sumário

	Pág.
Apresentação	5
1. Discurso Plenário Senado Federal em 29/10/2007	9
2. Carta às comunidades católicas e ao povo do Rio Grande do Sul.....	25
3. Fórum Católico debate a Igreja no mundo dos homens	33
4. Fórum cristão para um novo mundo	37

Apresentação

O ano de 2007 foi, para mim, um período de profundas reflexões. Aliás, muitas vezes, eu acho que a humanidade deveria, dia destes, tomar consciência da necessidade de uma espécie de “balanço geral”, para saber a quantas andamos sobre essa nossa vida passageira, tamanhos são os desvios nesta travessia projetada pelo Criador, que nos fez à Sua semelhança. O noticiário reiterado da barbárie é o testemunho mais que verdadeiro de que os princípios de solidariedade, de benevolência, de clemência, de compaixão e de amor ao próximo estão cada vez mais longe do gênero humano. Portanto, o resgate do sentido de vida, na sua plenitude, parece ser o grande objetivo de todos aqueles que ainda comungam da idéia de um mundo mais digno, mais justo e, sobretudo, verdadeiramente humano.

Eu tenho repetido, com insistência, que três instituições são fundamentais nesta necessária, e urgente, correção de rumo da humanidade, em direção ao seu próprio conceito: a família, a escola e a igreja. Um caminho de volta, no resgate dos nossos melhores valores e referências, perdidos nos desvios do consumismo, que transforma o ser humano de semelhante em concorrente. Portanto, enquanto caminho de volta, um percurso já bastante conhecido, mesmo que através dos melhores registros da história.

A Igreja Católica do Rio Grande do Sul está atenta às turbulências desta travessia do nosso tempo. É bem verdade que, para a Igreja como instituição, o tal caminho continua sendo de ida. A pregação religiosa nunca se desviou do verdadeiro conceito de humanidade. Nós é que nos afastamos dos seus postulados. Essa é, para mim, a grande importância do Fórum da Igreja Católica do Rio Grande do Sul, realizado entre os dias 20 e 23 de setembro de 2007. Mais um chamado, em boa hora, desta vez plenamente atendido. Um dos meus melhores momentos de reflexão. Desta vez, a Igreja discutindo o seu papel numa sociedade em movimento, e debatendo a religiosidade em todos os pilares da vida, incluindo a família e a escola. Uma Igreja não somente vertical, voltada para Deus, mas igualmente horizontal, irmanada com os seres humanos criados à Sua semelhança. Em nome de Deus, uma verdadeira opção preferencial pelas Suas próprias criaturas.

Foram meses de intensa preparação. Todas as dioceses do Estado do Rio Grande do Sul promoveram debates locais, sobre todos os temas que dão forma à verdadeira cidadania: educação, saúde, moradia, lazer, trabalho, renda, ética, participação política, entre outros. O Fórum de Porto Alegre foi, portanto, um desaguadouro de idéias, ampla e adremente discutidas em todas as regiões do Estado. Diversas foram, também, as formas de manifestação: palestras, debates, leitura de documentos, dança, teatro, música, cada uma com as diferentes representações culturais que moldam a história do povo gaúcho.

Estou certo de que, a partir desse evento, a Igreja do Rio Grande do Sul terá pavimentado os seus melhores caminhos. Não, unicamente, a Igreja dos cardeais, dos bispos, ou do clero, mas, a igreja de todo o povo de Deus, irmanado pelo pensamento cristão, na busca da prática da solidariedade e de todos princípios que conformam o verdadeiro conceito de humanidade. Quem sabe essa experiência, vitoriosa, possa ser repetida em outros fóruns, em outras regiões desse imenso país de contrastes. Quem sabe o Fórum tenha lançado a semente fértil para um amplo debate nacional sobre os nossos melhores rumos enquanto nação livre, democrática, independente e soberana.

É esse o objetivo dessa publicação: servir como uma espécie de caixa de ressonância, para anunciar e multiplicar os bons resultados de um evento que demarcará, com cer-

teza, os caminhos da Igreja gaúcha. Espero ter contribuído, com a divulgação destes textos, no sentido de que esse mesmo debate se propague entre todos os povos.

Certa vez, Jesus entrou numa sinagoga e estava pronto para a leitura. Passaram-Lhe, então, o livro do profeta Isaías. Ele o abriu e leu a passagem onde estava escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para noticiar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor”.

Que assim seja!

SENADOR PEDRO SIMON

Discurso Plenário Senado Federal em 29/10/2007

Senador Pedro Simon

“Sr. Presidente, Srs. Parlamentares, venho aqui fazer um pronunciamento, que creio se trata de minha obrigação.

No meu Estado, realizamos, nos dias 20 a 23 de setembro, o I Fórum da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, que – por que não dizer – nesse estilo não sei se houve similar no Brasil ou em algum lugar do mundo. Foi um empreendimento da maior importância, do maior significado e sobre suas conclusões eu desejo me manifestar aqui.

Sob o comando do nosso ilustre Arcebispo de Porto Alegre D. Dadeus Grings e todas as 17 dioceses do Estado do Rio Grande do Sul, realizamos um fórum inédito na sua maneira de ser e diferente de tudo o que já foi feito em termos de igreja.

Disse Dom Dadeus:

A Igreja Católica plasmou o Rio Grande do Sul. Tem aqui uma bela história e apresenta vitalidade impressionante.

A fonte é Jesus Cristo, cheio de graça e de verdade. De sua plenitude todos nós participamos. Esta vida se manifestou também em nosso meio: nós a vimos e a testemunhamos.

A presente cartilha nos apresenta o grande evento, que será o Primeiro Fórum da Igreja Católica no Rio Grande do Sul.

Todos somos chamados a conhecê-lo e a tomar parte ativa, tornando-nos seus protagonistas. Ele empenha todas as Dioceses e entidades católicas, para tornar visível a presença e atuação da Igreja em nosso Estado.

Esse subsídio esclarece as dúvidas e propõe as metas deste Fórum, destinado a tornar-se a grande marca da evangelização no solo gaúcho.

Porto Alegre, 20 de outubro de 2006.

D. Dadeus Grings, Arcebispo da Província Eclesiástica e Presidente da CNBB Regional 3.

Peço a transcrição nos Anais, Sr. Presidente, dos itens apresentados quando o fórum foi lançado. Em todos os municípios do Rio Grande do Sul houve amplo debate para a preparação da consciência cristã para o que nós buscamos.

Interessante foi a forma democrática da preparação e realização desse fórum. Não houve paróquia e setor da Igreja que não estivesse representado. Os jovens, os idosos, as mulheres, as entidades representativas, as diversas congregações religiosas, todos se reuniram e passaram a debater o que defendiam e o que buscavam em termos do mundo moderno.

Foi uma discussão intensa, na Pontifícia Universidade Católica, em Porto Alegre, onde milhares e milhares, cerca de 100 a 120 mil pessoas, participaram. Foram 172 tendas espalhadas pelos prédios e campus da universidade, representando todos os municípios de todas as regiões, todos os segmentos, discutindo o que a Igreja faz, fez e pretende fazer no Rio Grande do Sul. Fizeram um raio X completo. Houve centenas de participações artísticas: dança, música, coral, teatro, orquestras, as mais variadas, representativas da cultura que confundiu a Igreja com a história do Rio

Grande do Sul. Em muitos desses movimentos, em muitas desses momentos epopéicos do estado, a Igreja esteve presente. Em muitas dessas histórias ela está representada.

Nos palcos de debates se apresentaram 837 pessoas. Foram 101 oficinas de discussões sobre os mais variados temas, propostos por quem quisesse, discutindo-se tudo: sobre festa, sobre amor, sobre igreja, sobre pátria, sobre trabalho, sobre educação, sobre fome, sobre miséria. Longos debates, em dois, três dias. Participação, às vezes, apaixonadas. Eu não tinha visto em movimento nenhum. Só me lembro de ter visto esses debates no meu tempo de estudante, nas semanas de formação jurídica, quando nós, estudantes de direito – aí, sim – parecíamos que queríamos salvar o mundo debatendo as questões da humanidade. A liberdade era ampla, como agora o foi no Fórum Católico.

O depoimento de um empresário de Caxias me emocionou. Ele disse que trabalhava na Pastoral da Igreja, na questão do batismo, dos casais católicos, em cinco, seis setores diferentes. E aí concluiu: “Nas horas vagas, sou empresário”. Praticamente uma vida dedicada à Igreja.

Também interessante foi o debate com as senhoras e moças da Pastoral de Santa Maria, sobre os problemas habitacionais daqueles que mais precisam. Foram debates intensos, no rumo de um entendimento.

Oficinas, lotadíssimas, todas esgotadas na sua capacidade de receber. E todos apaixonados na discussão e no debate. Seis grandes seminários, quatro grandes conferências, reunindo milhares de pessoas. Conferências preparadas durante seis, sete meses, com vários participantes e pensamentos, inclusive, antagônicos, debatendo, analisando, escutando, apresentando suas propostas.

Lembro-me que, falando na imprensa, eu dizia o seguinte, dias antes de se iniciar o fórum:

Uma boa notícia vem animar os corações dos irmãos católicos do Rio Grande do Sul. Nos dias 20 a 23 de setembro próximo, as 17 dioceses gaúchas, as congregações religiosas, as diferentes pastorais e os movimentos leigos promovem, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em Porto Alegre, o I Fórum da Igreja Católica, aquele que pretende tornar-se o maior encontro dessa natureza já realizado no Brasil.

O que move a Igreja, neste momento, é a crescente preocupação não apenas dos católicos, mas de todos os cristãos e da sociedade em geral, em todas as esferas, com o cenário atual da desagregação material e espiritual, deterioração de valores e princípios morais que atingem a família, a escola, as instituições e abalam todo o nosso edifício social. Vivemos um tempo em que parece não ha-

ver mais esperança, em que os sonhos e utopias esmorecem e o consumismo se torna a ideologia dominante. Nesse cenário, o que fazer e por onde seguirão os católicos, os cristãos, é a tese central do debate.

A preparação do fórum vem sendo amplamente debatida nos seus mínimos detalhes, desde 2006, sob inspiração e coordenação da autoridade máxima da nossa igreja, o Arcebispo de Porto Alegre Dom Dadeus Grings, verdadeiro militante da fé, adepto do diálogo e da tolerância e líder amado pela comunidade gaúcha. A comissão organizadora tem como patrono espiritual Dom Ivo Lorscheiter, nome que marca a Igreja com a sua fé, devoção, coragem, sempre uma lembrança saudosa.

Num momento de crise das instituições em que parece não existirem mais as referências e exemplos que possam ser apontados e considerados dignos de serem seguidos pela juventude e pela sociedade brasileira, é oportuna a realização desse fórum. Por isso que, em busca de novos valores e referências tão necessários nos dias atuais, há que se resgatar sentimentos perdidos em tempos de consumismo e concorrência: a solidariedade e a compaixão, a humanidade e o espírito coletivo.

Esse anseio está refletido nos quatro eixos temáticos que conformam a base das discussões: a his-

tória de Igreja no Rio grande do Sul, os desafios da época de mudanças, o Evangelho de Cristo e a missão da Igreja no presente e no futuro.

O objetivo maior é fortalecer o diálogo da sociedade gaúcha. O que esperar da Igreja e de seus servidores? Como pode a doutrina e a prática intervirem nas questões do cotidiano, oferecendo alternativas para um rumo seguro à Igreja e a seus fiéis, uma direção comprometida com os melhores valores espirituais, princípios e direitos plenos de cidadania.

Essa é a grande empreitada e o desafio maior que a comunidade Católica Cristã de nosso Estado enfrenta nos tempos atuais. Tempos problemáticos, mas que podem também se constituir em terreno fértil para a semente da fé e do amor entre os homens de boa vontade.

Peço, Sr. Presidente, também a transcrição do jornal que circulou, onde estão publicados todos os eventos, todas as palestras, todos os atos culturais, todas as oficinas, ocorridos nos quatro dias no Rio Grande do Sul.

Sr. Presidente.

Leio a carta assinada pelo Arcebispo, que fala das conclusões do nosso Fórum (vide íntegra da carta em capítulo próprio).

Carta às comunidades católicas e ao povo do Rio Grande do Sul.

Os participantes do I Fórum da Igreja do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2007, relatam um pouco do viram, ouviram e experimentaram nesses dias de convivência fraterna. Convocado pelos bispos, em parceria com a Conferência de Religiosos do Brasil – Regional Sul 3, o Fórum é resultado de um esforço participativo, trabalho em mutirão, envolvendo paróquias e comunidades eclesiais de base. Refletiu sobre a vida e a missão da Igreja sob a luz do lema: “A Vida se manifestou, nós a vimos e a testemunhamos” (1 Jo 1,1-2). Hospedado na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, o Fórum visibilizou a Igreja, em 172 tendas, 101 grupos de trabalho em oficinas temáticas, seis seminários transversais, quatro conferências, celebrações da Palavra e da Eucaristia, diferentes manifestações artísticas e culturais. [com a presença de várias igrejas de todo o Rio Grande do Sul e com a representação de vários segmentos sociais do Rio Grande do Sul].

Nos Fóruns Locais aconteceu o diálogo com a sociedade, exercício de cidadania e de maturidade da Igreja, concretizado nas pesquisas junto

ao povo e com estudo sobre a missão da Igreja em seu compromisso com a vida em abundância para todos.

Um novo jeito de ser Igreja foi experimentado e um espaço de participação aberto a todas as pessoas de boa vontade. Nos caminhos do fórum apareceram as marcas da evangelização no contexto da realidade atual, na fidelidade à inculturação, recuperando as raízes culturais, as tradições religiosas e a história do anúncio do Evangelho, verdadeiros tecidos da identidade e da maneira gaúcha de ser Igreja.

O olhar sobre o passado revelou uma história de presença divina, antes mesmo da presença do cristianismo; foram identificadas falhas em relação à tradição indígena e em relação à escravidão dos povos africanos. Por outro lado, afirmou-se a presença humanizadora da Igreja nos diferentes momentos da história; foram lembradas as vítimas da violência e da ganância, valorizando quem deu uma vida em defesa da justiça e do Evangelho.

A análise do presente trouxe a consistência das transformações atuais na sociedade, no pensamento, nas relações econômicas, na política, na cultura, nas ciências e nos meios de comunica-

ção. Diante da mudança de época, sentiram-se os desafios, para a ação evangelizadora da Igreja relativos aos problemas do trabalho, da violência e das mudanças climáticas. Percebeu-se a situação difícil de tantas irmãs e irmãos excluídos dos projetos tecnológicos e dos sistemas econômicos, longe da escola e da família.

Como luz do caminho, testemunhado nos evangelhos e vivido na Igreja, portador de vida para todos, afirmou-se Jesus de Nazaré como o Cristo, a surpresa do Filho divino que armou sua tenda entre nós para curar as feridas da humanidade e ser o caminho na verdade do amor. Esse Jesus chama ao discipulado no seguimento, filhas e filhos do Pai, no Espírito Santo, para serem Igreja servidora da humanidade nesta terra do Rio Grande do Sul. O Evangelho de Jesus torna-se a boa notícia a ser levada e testemunhada nas cidades e nos campos, nos centros e nas periferias, nos espaços públicos e nas comunidades, nas famílias e junto às pessoas abandonadas.

Com alegria, registrou-se, em toda parte, a presença de grupos atuando, refletindo e celebrando em favor da vida e das pessoas, em favor da paz e contra a violência, em favor do diálogo e contra as discriminações, em favor da simplicidade e da

partilha, da assistência e da promoção, da liberdade e da inclusão.

No contexto da relação da Igreja com a comunidade/sociedade, vê-se a necessidade de:

1º - superar a ambivalência e assumir uma efetiva e evangélica opção preferencial pelos pobres; [Repito: superar a ambivalência e assumir uma efetiva e evangélica opção pelos pobres]

2º - substituir posturas autoritárias e antidemocráticas por práticas de diálogo e participação;

3º - transformar a lógica competitiva e excludente do sistema em práticas de solidariedade e inclusão.

Essa é uma notícia muito importante. É claro que se vê, se debate e se analisa muito isso. Há tanta interrogação com relação a posição da Igreja nos dias de hoje, que essa tomada de posição, quando não é feita só por um grupo de cardeais nem por um grupo de bispos nem por uma Igreja aqui e ali, mas por toda a comunidade do Rio Grande do Sul, milhares de pessoas que participaram durante o ano e várias das dezessete dioceses do Rio Grande do Sul, enfim um congresso que reuniu praticamente todo o pensamento cristão do Rio Grande do Sul, eu fico emocionado, pois é uma demonstração de que realmente nós mantemos a nossa palavra, o nosso compromisso de fé de que Cristo

veio para dizer que somos irmãos e que devemos trabalhar e lutar para construir um mundo em que todos tenham chance de lutar, de participar, de estar presente nos bens que a natureza oferece a todos e não a uma pequena elite.

Analisa-se também a questão da mulher, a importância que ela representa no mundo moderno; a questão do idoso; a questão dos jovens; a questão da missão da Igreja missionária; as práticas atuais de formação de agentes.

Todos que prepararam esse primeiro fórum, as paróquias, as dioceses e as diferentes equipes de trabalho, estão, desde já, convocados para continuar o trabalho iniciado.

Não foi um trabalho feito – muito bonito – e acabado. Não. Em cima da carta de princípios, das conclusões que são publicadas e distribuídas – a palestra, em videocassete – em livros, faremos um amplo debate de esclarecimento e de divulgação do que foi decidido.

Todo o material produzido no fórum deverá ser de domínio de todas os agentes da pastoral.

Dali, ele irá para todo o Rio Grande e para todo o Brasil.

Alguns seminários e oficinas se posicionaram a favor de fóruns específicos nas dioceses, guardando-se a peculiaridade de cada uma, a partir das reflexões vivenciadas no I Fórum.

Observa-se como consenso, para conduzir com efetividade o que no I Fórum já se alcançou, diante da realidade estrutural e contextual que se vive, ser necessária a constituição de equipes de ação-reflexão para ajudar na operacionalidade das ações antevistas.

E as equipes já estão sendo constituídas, cada uma com um tema a ser debatido com todo o Rio Grande.

No final de dois anos de caminhada, a Igreja no Rio Grande do Sul entra em nova fase metodológica, no contexto da Conferência de Aparecida. Assume o compromisso solidário e inadiável com os excluídos e de denúncia das situações de violência que ameaçam a vida. Abre sempre mais o diálogo com a sociedade e acolhe seus anseios. Prioriza a formação qualificada do povo e de seus agentes de pastoral. Reavalia sua presença nas pequenas e grandes cidades. Busca na Palavra de Deus a inspiração da conversão permanente.

Da participação dos leigos no processo organizativo e estrutural da Igreja, repousa a esperança e a efetividade das novas ações decorrentes do I Fórum.

Porto Alegre, 23 de setembro de 2007.

Sr. Presidente, peço a transcrição, também, do pronunciamento que fiz durante esse Fórum.

Pensei e refleti muito, mas achei que era uma obrigação minha, porque o trabalho não podia ficar restrito apenas ao Rio Grande do Sul. Acho que é importante que esta Casa, que os diversos companheiros tomem conhecimento e entendam o verdadeiro significado do que foi esse trabalho.

É claro, Sr. Presidente, que nós não podemos nos intitular os donos da verdade. É claro que o Rio Grande do Sul tem diversas igrejas. Aliás, diga-se de passagem, a esmagadora maioria delas foi convidada e participar do debate. Estiveram ali. Foi lindo ver o ato ecumênico realizado. Lá estavam cristãos evangélicos, lá estavam israelitas, lá estavam muçulmanos e budistas. Foi uma reunião onde houve uma participação conjunta e coletiva, onde todos rezaram ao seu Deus, ao nosso Deus, pedindo que realmente as coisas andassem certas.

Deixo muito claro aos demais irmãos de outras igrejas que não penso nem analiso que isso aqui seja a única verdade. Mas acredito que, em vez de pensar apenas nas coisas que nos dividem, nós temos de pensar na imensidão das matérias que nos unem. Temos de pensar como as diversas igrejas, dos vários lugares do mundo, que se diferenciam – um pensa no Deus Cristo, o outro acredita em Alá, o outro acredita nas coisas mais variadas – se analisarmos no âmago, no fundo, no final das consciências que têm fé, que têm amor, que entendem a espiritualidade, a

realidade, veremos que temos de fazer alguma coisa; que o mundo caminha para uma hora muito difícil, mas que, ao mesmo tempo, o mundo busca a aspiração de todos para realizarmos o bem da humanidade.

Por isso faço com muita humildade este pronunciamento, Sr. Presidente. Não é de vaidade no sentido de dizer o que fez a Igreja no Rio Grande do Sul, mas é de buscar um debate, um esclarecimento.

Já digo aqui aos que estão me ouvindo na televisão, aos meus colegas de representação no Senado e na Câmara, que estarei à disposição para oferecer todos os elementos, todos os subsídios que sirvam para que as pessoas possam analisar, debater e, se for o caso, aproveitar as modificações que acharem por bem levar para as suas regiões.

Muito obrigado.”

Carta às comunidades católicas e ao povo do Rio Grande do Sul

Os participantes do I Fórum da Igreja do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2007, relatam um pouco do viram, ouviram e experimentaram nesses dias de convivência fraterna. Convocado pelos bispos, em parceria com a Conferência de Religiosos do Brasil – Regional Sul 3, o Fórum é resultado de um esforço participativo, trabalho em mutirão, envolvendo paróquias e comunidades eclesiais de base. Refletiu sobre a vida e a missão da Igreja sob a luz do lema: “A Vida se manifestou, nós a vimos e a testemunhamos” (1 Jo 1,1-2). Hospedado na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, o Fórum visibilizou a Igreja, em 172 tendas, 101 gru-

pos de trabalho em oficinas temáticas, seis seminários transversais, quatro conferências, celebrações da Palavra e da Eucaristia, diferentes manifestações artísticas e culturais.

Nos Fóruns Locais aconteceu o diálogo com a sociedade, exercício de cidadania e de maturidade da Igreja, concretizado nas pesquisas junto ao povo e com estudo sobre a missão da Igreja em seu compromisso com a vida em abundância para todos.

Um novo jeito de ser Igreja foi experimentado e um espaço de participação foi aberto a todas as pessoas de boa vontade. Nos caminhos do fórum apareceram as marcas da evangelização no contexto da realidade atual, na fidelidade à inculturação, recuperando as raízes culturais, as tradições religiosas e a história do anúncio do Evangelho, verdadeiros tecidos da identidade e da maneira gaúcha de ser Igreja.

O olhar sobre o passado revelou uma história de presença divina, antes mesmo da presença do cristianismo; foram identificadas falhas em relação à tradição indígena e em relação à escravidão dos povos africanos. Por outro lado, afirmou-se a presença humanizadora da Igreja nos diferentes momentos da história; foram lembradas as vítimas da violência e da ganância, valorizando quem deu a vida em defesa da justiça e do Evangelho.

A análise do presente trouxe a consistência das transformações atuais na sociedade, no pensamento, nas re-

lações econômicas, na política, na cultura, nas ciências e nos meios de comunicação. Diante da mudança de época, sentiram-se os desafios, para a ação evangelizadora da Igreja relativos aos problemas do trabalho, da violência e das mudanças climáticas. Percebeu-se a situação difícil de tantas irmãs e irmãos excluídos dos projetos tecnológicos e dos sistemas econômicos, longe da escola e da família.

Como luz do caminho, testemunhado nos evangelhos e vivido na Igreja, portador de vida para todos, afirmou-se Jesus de Nazaré como o Cristo, a surpresa do Filho divino que armou sua tenda entre nós para curar as feridas da humanidade e ser o caminho na verdade do amor. Esse Jesus chama ao discipulado no seguimento, filhas e filhos do Pai, no Espírito Santo, para serem Igreja servidora da humanidade nesta terra do Rio Grande do Sul. O Evangelho de Jesus torna-se a boa notícia a ser levada e testemunhada nas cidades e nos campos, nos centros e nas periferias, nos espaços públicos e nas comunidades, nas famílias e junto às pessoas abandonadas.

Com alegria, registrou-se, em toda parte, a presença de grupos atuando, refletindo e celebrando em favor da vida e das pessoas, em favor da paz e contra a violência, em favor do diálogo e contra as discriminações, em favor da simplicidade e da partilha, da assistência e da promoção, da liberdade e da inclusão.

No contexto da relação da Igreja com a comunidade/sociedade, vê-se a necessidade de:

1º - superar a ambivalência e assumir uma efetiva e evangélica opção preferencial pelos pobres;

2º - substituir posturas autoritárias e antidemocráticas por práticas de diálogo e participação;

3º - transformar a lógica competitiva e excludente do sistema em práticas de solidariedade e inclusão.

Considerando a atual situação das mulheres na Igreja e na sociedade, é possível reconhecer sua presença ativa em todos os cenários e celebrar conquistas que causam alegria e esperança. Porém, também persistem, contra elas, situações de discriminação e violência que exigem não só o repúdio, mas também a denúncia profética por parte da Igreja, fazendo-se solidária e comprometida com suas causas. Presentes em muitos espaços, atividades e instâncias eclesiais, as mulheres aspiram a que seja garantida e valorizada sua participação também nas decisões da Igreja.

O idoso precisa e espera da Igreja que seus bispos e presbíteros proporcionem: promoção, valorização, proteção, oportunidades, capacitação de agentes e de ‘cuidadores’, realização de parcerias e soma de esforços, para que as pessoas idosas, independente de confissão religiosa, encontrem, nas comunidades, sentido para a sua vida.

A Igreja Jovem do Rio Grande do Sul retoma a opção efetiva pela juventude empobrecida em suas diversas manifestações e convida para que estejamos abertos a olhar os

jovens a partir das suas realidades, livres de preconceitos, capazes de acolhê-los assim como se apresentam.

Queremos ser Igreja Jovem, missionária, comprometida com a pessoa e a proposta de Jesus Cristo, que veio ao encontro e montou sua tenda também no meio da juventude.

Isso tudo exige que nos coloquemos, como a Igreja, a caminho num passo conjunto com o jovem, democratizando os espaços institucionais, adaptando-nos à realidade juvenil, acompanhando-os para que assumam o compromisso de serem evangelizadores de outros jovens, tendo em vista a construção da civilização do amor.

As práticas atuais da formação de agentes são ainda excessivamente voltadas para o interior da Igreja e baseadas numa doutrina pré-conciliar. É urgente a necessidade de repensar os processos da formação de agentes de pastoral na Igreja, a partir das necessidades reais das pessoas, à luz da prática de Jesus (Lc 24) e, tendo, no horizonte, o Reino de Deus.

O compromisso com a ecologia, como expressão do cuidado com a criação e da valorização da vida, inserida num todo chamado ecossistema, ainda não faz parte da pauta institucional da Igreja Católica no RS.

A riqueza da biodiversidade é um apelo à partilha e ao reconhecimento do(a) outro(a) como legítimo(a)

próximo(a), conforme inspiram as Sagradas Escrituras, despertando em nós uma espiritualidade ecológica.

Assim, importa inserir a temática da ecologia na agenda permanente da formação dos agentes de pastoral da Igreja católica, desde a Catequese, formando uma cultura de respeito e compromisso com o planeta, dom de Deus, nossa casa comum.

Todos que prepararam o I Fórum, as Paróquias, as Dioceses e as diferentes equipes de trabalho estão, desde já, convocados para continuar o trabalho iniciado.

Todo o material produzido no I Fórum deverá ser de domínio de todos os agentes de pastoral.

Alguns seminários e oficinas se posicionaram em favor de Fóruns específicos nas Dioceses, guardando-se as peculiaridades de cada uma, a partir das reflexões vivenciadas no I Fórum.

Observa-se, como consenso, para conduzir com efetividade o que no I Fórum já se alcançou, diante da realidade estrutural e contextual que se vive, ser necessária a constituição de equipes de ação-reflexão para ajudar na operacionalidade das ações antevistas.

Agentes já envolvidos, e outros, bem como instituições as mais diversas, deverão ser chamados, inclusive para parcerias, a fim de garantir a continuidade do processo, a efetivação do lema do I Fórum e a provocação ao segundo Fórum.

No final de dois anos de caminhada, a Igreja no Rio Grande do Sul entra em nova fase metodológica, no contexto da Conferência de Aparecida. Assume o compromisso solidário e inadiável com os excluídos e de denúncia das situações de violência que ameaçam a vida. Abre sempre mais o diálogo com a sociedade e acolhe seus anseios. Prioriza a formação qualificada do povo e de seus agentes de pastoral. Reavalia sua presença nas pequenas e grandes cidades. Busca na Palavra de Deus a inspiração da conversão permanente.

Da participação dos leigos no processo organizativo e estrutural da Igreja, repousa a esperança e a efetividade das novas ações decorrentes do I Fórum.

Porto Alegre, 23 de setembro de 2007.

Fórum Católico debate a Igreja no mundo dos homens

**Pedro Simon, Zero Hora Porto Alegre, 08/09/2007*

Uma boa notícia vem animar os corações dos irmãos católicos do Rio Grande do Sul. Nos dias 20 a 23 de setembro próximo, as 17 dioceses gaúchas, as congregações religiosas, as diferentes pastorais e os movimentos leigos promovem, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em Porto Alegre, o I Fórum da Igreja Católica, aquele que pretende se tornar o maior encontro dessa natureza já realizado na história riograndense.

O que move a Igreja nesse momento é a crescente preocupação, não só dos católicos, mas da sociedade em geral,

em todas as esferas, com o cenário atual de desagregação material e espiritual, a deterioração de valores e princípios morais que atingem a família, a escola, as instituições e abalam todo o nosso edifício social. Vivemos um tempo em que parece não haver mais esperança, em que os sonhos e utopias esmorecem e o consumismo se torna a ideologia dominante. Nesse cenário, o que fazer e por onde seguirão os católicos, é o tema central do debate.

A preparação do Fórum vem sendo amplamente debatida em seus mínimos detalhes, desde 2006, sob a inspirada coordenação da autoridade máxima da nossa igreja, o arcebispo de Porto Alegre, Dom Dadeus Gring, verdadeiro militante da fé, adepto do diálogo e da tolerância e líder amado pela comunidade católica gaúcha. A Comissão Organizadora tem como patrono espiritual Dom Ivo Lorscheiter, nome que marca a igreja com sua fé, devoção e coragem, sempre uma lembrança saudosa.

Num momento de crise das instituições, em que parece não existir mais as referências e exemplos que possam ser apontados e considerados dignos de serem seguidos pela juventude e pela sociedade brasileira, é oportuna a realização desse Fórum. É por isso que, na busca de novos valores e referências, tão necessários nos dias atuais, há que se resgatar sentimentos perdidos em tempos de consumismo e de concorrência: a solidariedade, a compaixão, a humanidade e o espírito coletivo. Esse anseio está refletido

nos quatro eixos temáticos que conformam a base das discussões: a história da Igreja no Rio Grande do Sul, os desafios da época de mudanças, o evangelho de Jesus Cristo e a missão da Igreja no presente e no futuro.

O objetivo maior é fortalecer o diálogo com a sociedade gaúcha. O que esperar da Igreja e de seus servidores? Como pode a doutrina e a prática católica intervirem nas questões do cotidiano, oferecendo alternativas para um rumo seguro para a Igreja e seus fiéis; uma direção comprometida com os melhores valores espirituais e princípios e direitos plenos da cidadania.

Essa é a grande empreitada e o desafio maior que a comunidade católica do nosso estado enfrenta nos tempos atuais. Tempos problemáticos, mas que podem também se constituírem em terreno fértil para a semente da fé e do amor entre os homens de boa vontade.

Fórum cristão para um novo mundo

Jornal O Sul, Porto Alegre 26/08/2007

Muitas vezes, eu penso que Deus, ao idealizar o universo, escolheu um lugar onde Ele pudesse sintetizar o Seu projeto de criação. Quis Ele que esse lugar tivesse o rio mais caudaloso, a maior floresta, os minerais mais estratégicos, todos os microclimas, a terra mais benfazeja, as mais belas praias, entre o barulho sonoro do mar e o silêncio inspirador da montanha. Um lugar que, um dia, veio a se chamar Brasil.

Não há que se criar, mais, novas luzes, novos firmamentos, novas terras, frutos e animais da terra, novos lu-

zeiros, novas criaturas do mar e aves do ar. Tudo isso Deus nos deu à sobeja. Nem mesmo um novo homem, porque o brasileiro é, na sua essência, trabalhador e honesto. Há que se buscar, entretanto, os valores e as referências perdidos nestes tempos em que a civilização parece fraquejar e se desvanecer diante do avanço da barbárie.

Na verdade, tudo indica que o homem, embora possa, ainda, professar sua fé religiosa, ter acesso à educação formal, ou manter laços familiares, ainda que tênues, passou a cultuar um novo deus e uma nova religião: o deus-mercado e o consumismo. Um mundo novo dividido em dois territórios separados por um muro invisível. De um lado, os que usufruem as benesses do consumo; e, de outro, aqueles que ficam de fora, excluídos. A adoração do consumo ocupa o espaço nobre da religião nos corações dos homens. A família e a escola tiveram que se render a essas novas regras.

O deus-mercado substituiu a família pela televisão. O grande círculo familiar deu lugar a um semicírculo. A escola foi mercantilizada e a igreja excomungada e, em muitos casos, igualmente objeto de negócios financeiros. Vende-se de tudo, inclusive consciências e indulgências. A pluralidade democrática e criadora deu lugar ao pensamento único, ideologia dominante que não admite um outro mundo, um mundo baseado na solidariedade e na cooperação.

A ordem é comprar. O consumo é o passaporte para

se transpor os limites que separam a exclusão da inclusão. A ânsia pela transposição dos tais limites, em um ambiente segregador, cria um clima de competição. O mundo do mercado rege-se, portanto, pela disputa, pela rivalização. Compete-se pela vaga no emprego, na escola ou no hospital, pelo remédio, pela vida, enfim.

A competição destruiu valores e referências fundamentais do comportamento humano. Gerou privilégios que, por definição, são excludentes. Incentivou o ter, no lugar do ser. Promoveu o individualismo, em substituição ao coletivo. Substituiu o semelhante pelo concorrente. O homem passou a interagir com o mundo, através da alta tecnologia, mas se transformou num ser solitário, entre quatro paredes.

Houve uma modificação radical no que se entende por espaço público, substituído pelos shoppings centers, pela televisão e pela internet. Exatamente os maiores ícones do consumismo. As gerações de hoje conhecem, apenas por dizer, as grandes manifestações públicas de outros tempos. No lugar da praça, o corredor, iluminado por vitrines reluzentes e cativantes, instigadoras do consumo.

É o novo homem que procura caminhos para a solução dos problemas do seu extremo individualismo. Que ele procura resolver, individualmente. O que reforça, significativamente, o singular, no lugar do coletivo. Perde-se, com isso, portanto, o sentido de sociedade. O mundo real

dá lugar, cada vez mais, ao virtual. Daí, até o esgarçamento do tecido social, um verdadeiro apartheid, é um passo. Como decorrência, a barbárie, a violência, o crime organizado em todas as esferas do Estado, constituindo mesmo um Estado-paralelo.

É nesse contexto que assume papel crucial o Estado. Mas, principalmente nos últimos tempos, esse mesmo Estado tem dado sinais concretos de que optou pela parcela incluída da população. Para os demais, a política compensatória, quando não a migalha, o restolho.

É por isso que, na busca de novos valores e referências, tão necessários nos dias atuais, há que se resgatar sentimentos perdidos em tempos de consumismo e de concorrência: a solidariedade, a compaixão, a humanidade e o espírito coletivo.

Para refletir sobre esses assuntos e buscar soluções coletivas, milhares de irmãos e amigos de todos os rincões do Rio Grande do Sul organizam o I Fórum da Igreja Católica. Durante três dias, de 20 a 23 de setembro próximo, as dioceses, as congregações religiosas, as diferentes pastorais e os movimentos leigos, preocupados com o cenário atual de desagregação material e espiritual, promoverão uma fraterna celebração em Porto Alegre, no campus da Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Restabelecer as referências perdidas, reconstituir os va-

lores e princípios morais de uma sociedade ansiosa por sadias relações de amizade, de vizinhança, de religião, de trabalho, de escola e de família. Essa é a grande tarefa de todo o cristão no mundo atual. Vamos dar o primeiro passo.

SENADO FEDERAL
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900
Brasília – DF

“...No contexto da relação da Igreja com a comunidade/sociedade, vê-se a necessidade de:

1º – superar a ambivalência e assumir uma efetiva e evangélica opção preferencial pelos pobres;

2º – substituir posturas autoritárias e antidemocráticas por práticas de diálogo e participação;

3º – transformar a lógica competitiva e excludente do sistema em práticas de solidariedade e inclusão...”

Carta às comunidades católicas e ao povo do Rio Grande do Sul,
do I Fórum da Igreja Católica no RS.